

DIREITOS SOCIAIS, HUMANOS E POESIA SOB A PERSPECTIVA DA MORTE

*Túlio Monteiro*¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo é dar uma relevante explicação sobre a pretensão que temos em apresentar à *Revista Socializando* da FVJ, uma publicação semestral vinculada ao curso de Serviço Social da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ. No texto, nos propomos a abordar, em artigo, as muitas facetas da morte social de uma pessoa. "Morte" esta que ocorre ao longo de sua vida, dia após dia. Tudo isso ligado às atividades que os cientistas sociais costumam enfrentar e suas jornadas diárias.

Palavras-chave: Direitos sociais. Humanos. Política. Poesia. Morte.

SOCIAL, HUMAN RIGHTS AND POETRY UNDER DEATH PERSPECTIVE

ABSTRACT

The purpose of this article is to give a relevant explanation about the pretension we have to present to the Socializing Journal of the FVJ, a semester publication linked to the Social Service course of the Faculty of Vale do Jaguaribe - FVJ. In the text, we propose to address, in article, the many facets of a person's social death. "Death" occurs throughout your life, day after day. All this is linked to the activities that the social scientists usually face and their daily journeys.

Keywords: Social rights. Humans. Policy. Poetry. Death.

¹ **Marcus Túlio Dias Monteiro** – Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará com Especialização em Literatura Brasileira e afins pela mesma Universidade. Ensaísta, crônicas, escritor e crítico literário, trabalha na Prefeitura Municipal de Fortaleza. tuliomonteiro@yahoo.com.br

DIREITOS SOCIAIS, HUMANOS E POESIA SOB A PERSPECTIVA DA MORTE

1 – Direitos sociais e humanos

O tema Direitos humanos e, claro, sociais, têm acompanhado a filosofia política moderna desde Thomas Hobbes, assim como a história contemporânea desde as Revoluções Americana e Francesa. A Declaração da Independência dos Estados Unidos, de 1776, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, enunciaram, efetivamente, a universalidade dos direitos sociais, os quais fizeram do homem não só a sua fonte, mas também o portador de direitos inalienáveis. Nessa perspectiva, a política moderna adquiriu um novo fundamento no final do século XVIII: o absoluto não era mais um deus ou um rei, mas o indivíduo, com seus direitos fundamentais intrínsecos à natureza humana e o viver em sociedade igualitária.

O itinerário histórico dos direitos humanos encontrou muitos obstáculos desde os seus primeiros anos, logo após as duas mais importantes revoluções burguesas. A contribuição de Hannah Arendt para sua análise foi decisiva, na medida em que elaborou um caminho teórico que permitiu compreender seu verdadeiro significado para a filosofia e para a política.

A chave conceitual para essa compreensão é o que é considerada como a ruptura dos direitos humanos. Em verdade, esta é a ponta mais insinuante do *iceberg* social que buscaremos encontrar. A ruptura não foi só a do direito, mas também do fluxo da história e a da tradição do pensamento ocidental. Ela começa a configurar-se no período do imperialismo, principalmente nas três décadas entre 1884 e 1914, quando se expandem as ideologias raciais, que se transformaram, muitas vezes, em políticas de Estado e na Primeira Grande Guerra Mundial (1914 / 1918).

A cristalização histórica da ruptura dos direitos humanos ocorre de um modo contundente entre as duas Grandes Guerras, com a barbárie totalitária do nazismo e do stalinismo. Essa tragédia sem precedentes cria uma massa de homens supérfluos, excluídos socialmente, despidos de qualquer direito, postos em sua cruel naturalidade nos campos de concentração e de trabalho. Onde a utilização do poder de polícia sobre o poder da política arrastou o Estado, quiçá o Mundo, ao caos absoluto e incontestável.

Entre a expansão das ideologias raciais e o momento do totalitarismo, a ruptura começa a tornar-se evidente na cena política com o aparecimento das pessoas deslocadas, melhor compreendidas como os apátridas, e as minorias, que não tinham mais aqueles direitos consagrados como inalienáveis. A filosofia contratualista e as Declarações de 1776 e de 1789, tiveram a virtude de fazer do homem a fonte destes direitos e de torná-los inalienáveis. Entretanto, as pessoas deslocadas, homens, mulheres e crianças sem lugar na sociedade e na política, afrontavam a fundamentação metafísica desses direitos ancoradas na natureza humana do “Ter”, do “Ser” e do “Poder”.

Justificados como inerentes à pessoa humana, eles desvelam uma paradoxal dimensão pré-política. Os homens não são iguais nem livres por natureza. Se assim fossem, os apátridas e as minorias não teriam perdidos seus direitos. Perderam-nos justamente porque ficaram reduzidos à mera natureza humana, sem inserção no mundo, em especial no mundo da política ou simplesmente no mundo social como assim ele é definido até hoje: por camadas sociais. A igualdade e a liberdade humanas só têm possibilidade de acontecer no espaço público, ou da política, construído pelos próprios homens e fundadas no princípio da isonomia. É na política, e não na natureza humana, que os direitos humanos se fundamentam.

A análise das críticas de Arendt, introduzidas a partir de uma reflexão sobre o pensamento contratualista no que se Hannah refere à liberdade e aos direitos humanos, constitui-se no objetivo fundamental deste artigo. Contudo, ele ficaria incompleto sem a avaliação da proposta da proposta para a superação das suas próprias críticas, isto é, a reconstrução dos direitos humanos mediante o reconhecimento do direito que cada indivíduo tem a ter direitos, independente das fronteiras do seu Estado-nação.

O direito a ter direitos, segundo Hannah Arendt, não se fundamenta na natureza humana, conforme os contratualistas ou as declarações das Revoluções Americana e Francesa, mas sim na sua concepção de humanidade. Ela vai buscar na moral universalista e cosmopolita kantiana o conceito de humanidade e atribui a ele a dimensão política necessária para se compreender o espaço público internacional, em que o direito a ter direito decorre do mero pertencimento a ela, não se dissolvendo nos limites de cada nação. Essa concepção de um espaço político internacional, em que a liberdade essencial dos indivíduos realiza-se independente da sua nacionalidade, não é nada trivial, considerando as relações internacionais hoje vigentes. Porém, a sugestão é instigante e abre-se para um

tema decisivo: como conciliar uma proposta de tutela internacional dos direitos humanos com a soberania de cada país, considerando que as democracias liberais contemporâneas, com seus resíduos totalitários, cada vez mais reduzem os direitos dos homens aos direitos dos cidadãos em seus respectivos países.

2 – O olhar contratualista aos olhos da poesia

Enquanto não, ela me olhar, e olhar e olhar o ir e vir das pessoas nas ruas e avenidas e praças por onde também vou passando... Ela me vai martelando o juízo, insistente, sem cerimônia: “Para onde vão essas pessoas essas pessoas em seus dias?”² (Chico Araujo)

Para meu doce alento e frescor nesta tarde quente de maio, acabei de ler uma crônica do ensaísta e escritor Chico Araujo: *Para onde vão no passo a passo do dia a dia?* Não deu outra: lá se veio esta análise em diálogo, a partir das perguntas aparentemente simples que o poeta nos faz: Que rumos todas as pessoas tomam em seus dias a dias confusos e de certa forma um tanto sem pés nem cabeças?

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.*

Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.

*Porém meus olhos
não perguntam nada.³*

Em poema homônimo já beliscando cruelmente as mesmas – que também faço minhas – perguntas de Chico Araujo; um tal poeta de sete faces chamado Carlos Drummond de Andrade já se nos antecipava em perguntas indelévels e marcantes, nos fazendo lembrar de uma certa senhora que nos persegue todos os dias em seu silêncio sepulcral: a Morte! Sim! Ela mesma, prezados leitores. Todos os passos que damos na vida, sejam eles felizes, vitoriosos ou não, nos conduzem, incólumes, a essa triste sina final. E aí, não tem jeito: adiante com os versos de Drummond para explicar esse meu texto que é, no fim, o início de mais um ensaio de para onde vão todos os seres do planeta quando param de caminhar para sempre:

² Chico Araujo, poeta, ficcionista, compositor, intérprete, Mestre em Letras pela UFC.

³ *Poema de sete faces*, do livro “Alguma Poesia” – 1930.

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.⁴*

Creiamos: a essas horas de uma tarde modorrenta e quente como os infernos de Dante existem milhões de pernas a trafegar buscando não só seus rumos, mas também seu pão de cada dia em um País que está se desmoronando em meio aos sargaços da corrupção e desavenças partidárias.

Mas a palavra – e seu sentido crucial – segue. E continuará seguindo e sendo preparada amiúde por aqueles que a dominam e buscam a todo intento fazê-lo. Pois aos que escrevem derramou-se sobre eles a famigerada maldição de Sísifo que, em engendrado ensaio filosófico de Albert Camus que se inicia no descrever de uma condição absurda: grande parte da nossa vida é construída sobre a esperança do amanhã; do amanhã que nos aproxima da morte, e é o último inimigo.

Pessoas vivem como se elas não tivessem a certeza da morte; uma vez despojado do romancismo comum, o mundo é um estranho, desarrumado e desumano lugar, onde o verdadeiro conhecimento é impossível de ser explicado pela racionalidade da ciência em favor do mundo: suas histórias, em última análise, no sentido de abstrações, se dão em metáforas. Desde que o momento absurdo é reconhecido, ele se torna a mais angustiante de todas as paixões, onde Camus apresenta o mito para trabalhar uma metáfora sobre a vida moderna, como trabalhadores em empregos fúteis em fábricas e escritórios. O operário de hoje trabalha todos os dias em sua vida, executando as mesmas tarefas. Esse destino não é menos absurdo, mas é trágico quando apenas em raros momentos ele se torna consciente.

⁴ *Poema de sete faces*, do livro “Alguma Poesia” – 1930.

A abordagem sobre pessoas que vem e vão entre seus problemas e casmurrices sempre fez parte do universo dos escritores ensaístas. Comigo e Chico Araujo não seria diferente e jamais terei de nos comparar a Camus ou a Drummond. Mas fica a promessa de sempre estar em busca de uma verdade que para a qual jamais encontraremos resposta: o que nos espera depois de cessarem nossos passos? E a jornada das pernas e pedras continua!

Para Camus, o problema da filosofia é o suicídio. Demonstrando o problema, ele tenta explicar se o absurdo oferecendo condições de esquivar-se da vida ou do suicídio. O enfrentamento dessa questão e toda a sua complexidade nos proporcionam ter conhecimento, se a recusa da injustiça pode conviver com a afirmação da vida. A contradição fica evidente, pois faz uso de um raciocínio absurdo, o qual a contemplação possibilita o convívio da rejeição da injustiça e a afirmação da vida, que em si mesma é injusta, por trazer consigo a condenação à morte. Camus, em “O Mito de Sísifo”, revela, que é decisivo o rompimento com as ações diárias, atitude considerada tal como acordar de um sonho mecanicista. O filósofo disserta acerca dos questionamentos essenciais e nos faz perceber, que tais questionamentos são responsáveis pela supressão ou pelo crescimento da paixão pelo viver. A perceptibilidade do homem perante a sua existência pode levá-lo a repudiar a própria vida. Camus cuida da possibilidade de um vínculo entre o suicídio e o pensamento individual, alertando para as inúmeras casualidades de o humano cogitar a própria morte. O raciocínio absurdo tem por convicção a nulidade da esperança e a insatisfação com a condição humana.

Podemos observar, a partir do princípio gradual que o homem social, o homem cultural e, principalmente, o homem que faz a roda do mundo capitalista girar está perdendo seu espaço de trabalho, suas estruturas familiares e como bem sabemos seus próprios empregos em detrimento da revolução industrial iniciada nos anos 1920/30.

É sabido e deflagrado aos quatro ventos que a robótica tende a superar o homem em, no máximo, duas décadas. Ou seja, as criações cibernéticas hora produzidas e que nada têm de ficcional estão mesmo abocanhando a classe operária de qualquer país considerado de segundo ou terceiro mundos. Daí, portanto, os elevados índices de criminalidade cada vez mais latentes com uma afiada troca do que antes era a linha de corte que equilibrava e separava a marginalização da vida correta perante as leis que regem qualquer país seja ele totalitário ou de ampla democracia. Os homens, meus caros, em busca de sua

sobrevivência e dos seus entes queridos são e estão sujeitos à barbárie. À invasão do seu domicílio. Mais especificamente à morte ou ao suicídio daquilo que hoje chamamos de sociedade igualitária.

E o que encontramos especificamente a essa altura da presente análise? A Morte digladiando-se contra ela mesma! Trocando isso em miúdos, novos levantes similares aos de 1914 e 1939 estão a bater em nossas portas tamanha é a arrogância de políticos sejam eles corruptos, milionários por natureza, chefes religiosos, ou chefes de países com alto teor de fogo balístico.

Surge, então, não só uma, mas centenas de perguntas sobre como resolvermos isso. Esta nova Babel que hora se abate sobre todas, vejam bem, eu disse TODAS, as nações do Mundo como o conhecemos já dá sinais de fraqueza e canibalismo trabalhista. O que fazer: Que providências tomar? Por onde começar? Pela saúde, pelo preço dos remédios, dos alimentos, da troca dos que governam a Terra tal como ela está hoje: combatida de seus bens naturais? São perguntas a serem respondidas por quem?

3 – Conclusões: se é que elas existem

É incrível como sempre temos que nos valer de exemplos xenófobos para relacionarmos as duas grandes guerras mundiais e outras menores para conceituarmos seus motivos. Sempre a questão das classes sociais e de quem ganhava mais ou menos, passando por crenças e religiões, tudo foi motivo para guerras sangrentas que acabaram com mais vidas que as mazelas que assolam o planeta Terra hoje. Falo de sede e fome, desigualdades sociais e falta absoluta de infraestrutura para pelo menos 90% da população mundial, dados da ONU, segundo estatísticas de algumas de suas últimas pesquisas. E não se enganem, o Brasil está entre esses países onde os abismos sociais são assombrosos.

Estamos em tempos de pré-guerra e não podemos nos dar a esse luxo sem nos lembrarmos da barbárie totalitária que SEMPRE rompeu radicalmente com a tradição dos direitos humanos, chegando aos campos de concentração e de trabalho, exigindo das nações uma resposta sem a qual o próprio conceito de humanidade estaria fortemente comprometido. A criação da Organização das Nações Unidas, em 1945, com o objetivo de se constituir em um organismo internacional sem as limitações da Liga das Nações, que teve sua origem em 1919, foi uma resposta para impedir o ressurgimento de um novo

desastre humanitário. A sua estrutura, entretanto, era o espelho do mundo que emergia do pós-guerra. No Conselho de Segurança, o seu órgão de maior importância estratégica, garantia-se o poder de veto das grandes potências emergentes e vitoriosas, principalmente os Estados Unidos, a União Soviética, a Inglaterra e a França.

Entretanto, o compromisso efetivo com os direitos humanos não estava garantido com a Carta de fundação da ONU, em 1945. Todavia, ela criava a Comissão dos Direitos Humanos, que se propôs a elaborar uma declaração. Depois de três anos de debates, em 10 de dezembro de 1948, foi aprovada pela Assembleia Geral a "Declaração Universal dos Direitos Humanos", com o voto de quarenta e oito países, nenhum voto contra e as abstenções dos países do bloco soviético, da Arábia Saudita e da África do Sul.

Hoje, o sentimento que aflora é o de que não só esta mesma "Declaração Universal dos Direitos Humanos" está caduca, como a sensação de que a Carta Magna de nosso País foi devidamente jogada às fogueiras, ante escândalos diários perpetrados por aqueles que deveriam ser nosso "Chefes de Estado". Nossos heróis, hoje tão em falta nesse Brasil de vergonhas inimagináveis. Lembro. Pois, do *Iciberg* ao qual nos referimos no início deste ensaio. A ponta dele já submergiu com seus aparentes 10% de bilionários mundiais. Ficam, portanto, faltando 90% do restante dos seres que vêm e vão todos os dias em busca insana de sua sobrevivência. Definitivamente o Mundo está menos sorridente em tempos de escassez.

No entanto, a consciência do absurdo, não pode desistir do confronto entre o homem e o Mundo, por ser a verdade única e este é o fator determinante para darmos continuidade às nossas vidas.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARENDT, Hannah - *As Origens do Totalitarismo*, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2004;
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*, Best Bolso, 2017;
- HOBBS, Thomas - *Do cidadão*, Editora Martins Fontes, 2002;
- _____, Thomas - *Leviatã*, Richard Tuck (org.), Editora Martins Fontes, São Paulo, 2003.